

*A polêmica nos debates:  
prosódia da ironia no discurso político*

Controversy in debates: prosody of irony in political speech

Leandro Moura

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/2176148531345>

**Resumo:** Nos debates políticos, a ironia funciona como uma estratégia discursiva que pode colocar em xeque a credibilidade dos candidatos. Mais do que “o que é dito”, é importante considerar aqui “como foi dito”. Assim, este trabalho objetiva mostrar que a prosódia é um elemento linguístico que faz parte da argumentação. Para isso, investigaram-se os comportamentos da  $F_0$  e da duração na expressão da ironia em debates políticos, nos momentos polêmicos de ataque e de desqualificação adversária. Os resultados mostraram que há ajustes nos parâmetros prosódicos durante a expressão atitudinal que funcionam como pistas para o reconhecimento da ironia.

**Palavras-chave:** Argumentação. Prosódia, Discurso político. Ironia.

**Abstract:** In political debates, irony works as a discursive strategy that can challenge the credibility of candidates. More than “what is said”, it is important to consider here “how it was said”. Thus, this paper aims to show that prosody is a linguistic element that is part of argumentation. To do this, we investigate  $F_0$  behaviors and duration in the expression of irony in political debates, in controversial moments of attack to and disqualification of the opponent. The results showed that there are adjustments in the prosodic parameters during the attitudinal expression that act as clues in the recognition of irony.

**Key words:** Argumentation. Prosody. Political discourse. Irony.

## 1. Notas preliminares

Conforme observa Charaudeau (2006), “o discurso político é, por exceção, o lugar de um jogo de máscaras”; podemos dizer que é também o lugar em que o candidato se mostra conforme seu propósito enunciativo. No discurso político, a linguagem se junta à ação política, determinando como a vida social é organizada, e tem em vista o bem comum. Além disso, é possível verificarmos como a associação entre linguagem e ação política exerce influência sobre as diferentes estratégias discursivas que se desenvolvem nesse campo. Sabemos que todo ato de linguagem liga-se, por sua vez, a essa ação, a partir de relações de força estabelecidas entre os sujeitos que comunicam e constroem um laço social, funcionando como um “agir sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2006).

Nesse campo, a argumentação retórica não mostra somente as faces de cada um, mas, também, permite colocar em xeque as imagens construídas pelo adversário, quando se trata do discurso político. Pontuamos que, junto à argumentação retórica, presente em contextos de debates televisivos, por exemplo, a prosódia é um constituinte linguístico também importante para a construção do discurso oral, atuando durante os momentos de conflito e instauração da polêmica entre os candidatos de modo bastante expressivo.

Atribuiu-se ao longo do tempo diversas funções à prosódia. É possível, por exemplo, identificar modalidades frasais, origem geográfica, sexo, idade e estados afetivos do falante a partir de traços prosódicos, produzidos em conjunto com os demais elementos linguísticos na enunciação.

Partindo dessa perspectiva, quando falamos de discurso político, entendemos que elementos prosódicos participam, por exemplo, dos momentos de ataque nos debates político-eleitorais, dando forma aos processos argumentativos e à força retórica dos enunciados. Ao se dirigir ao adversário de maneira irônica, por exemplo, é a partir de modulações no modo de falar (mudando a altura melódica, prolongando ou não sílabas enfatizadas, mudando a qualidade de voz etc.), junto aos demais elementos linguísticos que tal atitude (a ironia) será reconhecida pelo ouvinte.

Aristóteles (1998), ao abordar os aspectos concernentes ao discurso, já apontava para aquele ligado à ação, no qual questões relacionadas à pronúncia figuravam como elemento retórico importante. O autor defendia que questões rítmicas, de volume e de harmonia atuam

juntamente à argumentação retórica. Assim, podemos dizer que o que hoje denominamos prosódia, desde a Antiguidade Clássica, é visto como um constituinte discursivo que contribui de maneira significativa para a construção de sentido, junto a outros aspectos, como os lexicais e os semânticos, por exemplo.

Desse modo, este artigo busca contribuir para os estudos discursivos, mostrando como a prosódia atua na expressão da ironia no discurso político. A seguir, traremos algumas considerações importantes em relação à polêmica e aos ataques, característicos dos debates eleitorais.

## **2. A polêmica e a desqualificação do outro nos debates políticos**

Os debates têm tradição na política e na prática democrática. De acordo com a legislação eleitoral vigente, eles são organizados por representantes dos candidatos e de emissoras de televisão e não existe um padrão a ser seguido durante sua realização (MACHADO, 2011). Em relação à dinâmica, podemos acrescentar que são, basicamente, divididos em 3 grandes momentos. Num primeiro momento, geralmente formado por 1 bloco, os candidatos se apresentam e se dirigem à plateia, quando presente, e ao telespectador. Num segundo momento, os candidatos respondem a perguntas diversas, propostas por convidados e por eles mesmos, entre si, em um ou mais blocos. Finalmente, uma última parte é destinada às considerações finais, momento em que os candidatos novamente retomam os pontos principais de suas campanhas.

Passando ao cenário político atual, notamos que os debates são boas ferramentas de campanha, por meio das quais os candidatos tentam persuadir ou dissuadir o eleitorado. Vale observar que os debates político-eleitorais comportam uma síntese dos discursos retóricos e dos dialéticos, vistos em Aristóteles (1998), uma vez que são direcionados a um auditório que somente assiste sem interferências, ao mesmo tempo em que duas ou mais pessoas se enfrentam com tempos regrados, tratando de temas que são, a princípio, de especialistas políticos: economia, saúde, educação etc. Nesses momentos de confronto, quando se instauram diversos conflitos entre os candidatos, eles podem atacar e desqualificar seus adversários, legitimando os debates como polêmicas na qual se manifestam emoções como a raiva e a indignação (AMOSSY, 2014). Além disso, acrescentamos que, nessas situações, cada candidato

pode expressar outros afetos em relação a seus adversários, na tentativa de desqualificá-los. Esses afetos serão reconhecidos pelos ouvintes a partir de modulações na voz de cada um, mostrando que a prosódia é um constituinte argumentativo.

Em relação à polêmica, Amossy (2014) entende que, vista como modalidade argumentativa, ela se define como uma discussão em torno de alguma questão da atualidade, de interesse público e que envolve questões da sociedade, importantes para uma determinada cultura. Na atualidade, a primeira marca da polêmica como debate diz respeito a uma oposição de discursos. Aqui, há uma noção de confronto em que dois discursos são postos à apreciação por meio de comparações. Esse tipo de situação supõe que os envolvidos estejam face a face, permitindo que cada participante do discurso apresente e argumente a favor de uma tese, bem como refute as posições adversárias. Tais fatos constroem a fala polêmica, gerando, algumas vezes, certos conflitos.

O conflito, quando entendido como uma espécie de choque em que duas forças antagonistas entram em contato e procuram se expulsar reciprocamente (AMOSSY, 2014, p. 55), não está somente na polêmica. Nesse sentido, se o choque se manifesta num plano mais abstrato, entre forças antagonistas intelectuais e morais, a polêmica passa a ser entendida como um confronto de opiniões adversárias. Dito de outro modo, a autora sugere que a polêmica seja sempre uma manifestação discursiva em forma de choque, de um afrontamento e de opiniões contraditórias que circulam em um espaço público que, enquanto interação verbal, aparece como um modo particular de gestão do discurso. É exatamente o que acontece em debates políticos: existem conflitos entre os candidatos, os quais geralmente não partilham de uma mesma opinião e buscam, a todo instante, anular as opiniões adversárias. A título de resumo, a autora argumenta que

la polémique, qui traite de questions d'intérêt public, est une gestion verbale du conflictuel caractérisée par une tendance à la dichotomisation qui rend problématique la quête d'un accord. À ce stade, c'est son rapport à l'autre qu'il convient d'examiner de plus près – et cela d'autant plus que la nature dite agressive de cette relation lui est souvent reprochée (AMOSSY, 2014, p. 58).

Ao nos atermos à fala de Amossy sobre a polêmica, podemos observar que a autora assinala uma preocupação em relação ao outro. Como lembrado por ela, uma divisão de opiniões direciona a uma separação entre os envolvidos e, conseqüentemente, a uma divisão social. Pensar no lugar e nas relações estabelecidas no discurso polêmico, especialmente no discurso político dos debates eleitorais, significa, em alguma medida, considerar momentos de desqualificação desse outro.

O discurso polêmico, como quer Amossy (2014), não provoca somente uma reorganização de grupos que se identificam, mas consolida a identidade de um determinado grupo ao apresentar o outro de maneira pejorativa. Nessa polarização, quando se supõe a existência de um inimigo comum, a estratégia de autoafirmação positiva de si se junta a uma estratégia de desqualificação adversária numa tentativa de depreciar o outro. Assim, o discurso polêmico é um discurso que desqualifica, por meio de ataques ao outro, por meio de procedimentos retóricos e argumentativos. Estendendo-se essas discussões para os debates político-eleitorais, vemos que os candidatos fazem uso dessas estratégias com vistas à construção de uma imagem de si capaz de convencer seu interlocutor e, ao mesmo tempo, à desqualificação de seus adversários.

No entanto, não é possível abdicar de um elemento linguístico fundamental, qual seja a prosódia, nos processos de construção e de reconhecimento das atitudes de desqualificação adversária, tais como a ironia. Nessa perspectiva, é importante reafirmarmos que elementos como a entonação e o ritmo compõem a argumentação retórica, junto às demais estratégias discursivas, e são, portanto, importantes para a construção de sentido. Assim, defendemos, na seção seguinte, que é necessário haver uma interface entre os estudos argumentativos e os estudos prosódicos, uma vez que a prosódia é um elemento linguístico que faz parte da argumentação.

### **3. Por uma interface entre prosódia, discurso e argumentação**

O termo “prosódia”, *grosso modo*, pode ser entendido como um conjunto de aspectos suprasegmentais, tais como organização temporal, organização melódica e intensidade, que interagem junto a outros elementos discursivos, nos processos de construção de sentido (cf. COUPER-KUHLEN, 1986; 't HART; COLLIER; COHEN, 1990; HIRST; DI CRISTO, 1998). Nas

trilhas de Crystal (1969), defendemos a prosódia em seu sentido amplo, isto é, compreendendo variações de altura melódica, variações rítmicas, de intensidade e de duração, incluídas as pausas.

Os estudos prosódicos, sob a perspectiva acústica, consideram classicamente 3 parâmetros. O primeiro deles, a frequência fundamental ( $F_0$ ), está relacionado, num nível fisiológico, com a tensão nos músculos laríngeos. Trata-se da periodicidade de vibrações das cordas vocais, que pode variar, em média, entre 180 e 400 Hz para uma fala adulta feminina e entre 80 e 200 Hz em um adulto do sexo masculino ('t HART; COLLIER; COHEN, 1990). Essas vibrações das cordas vocais serão percebidas pelo ouvinte como mais agudas (ou melodia alta) ou mais graves (ou melodia baixa).

O segundo parâmetro relaciona-se ao tempo, percebido auditivamente como duração. Entre suas funções, destaca-se a sinalização de ênfases, quando esse parâmetro é aumentado, demarcando alguma característica em um enunciado. Além disso, outra função da duração seria marcar uma hesitação, quando a última sílaba sofre um prolongamento, ou seja, é realizada com um tempo maior em relação às demais, e é seguida de uma pausa preenchida ou não.

Finalmente, o terceiro parâmetro diz respeito à sensação auditiva na qual os sons podem ser classificados numa escala que varia entre forte e fraco, conforme Crystal (1969). Trata-se, neste caso, da intensidade. As medições de intensidade, bem como aquelas dos demais parâmetros, podem ser feitas com o auxílio do *software* PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink e disponibilizado, gratuitamente, em [www.praat.org](http://www.praat.org).

Os estudos relacionados à prosódia da fala tem atraído um número crescente de pesquisadores nas últimas décadas, sobretudo a prosódia dos afetos sociais. No entanto, apesar dos avanços, salientamos que muito há para ser descrito e discutido, principalmente se pensarmos em uma interface que contemple a prosódia como um elemento constituinte da argumentação retórica. Levando-se em consideração a necessidade de preenchimento dessas lacunas, trataremos da argumentação, a fim de mostrar como a prosódia tem sido (ou não) abordada nesses estudos.

Plantin (2008) apresenta um panorama sobre os estudos argumentativos, no qual faz referência ao *Tratado da Argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, publicado em 1958 e fundamentado no estudo das técnicas argumentativas. Para o autor, é válido nos questionarmos

em que medida o tratado seria, de fato, uma *Nova Retórica*, pois, ainda que faça referências aos retóricos antigos e clássicos, ele se afasta da retórica clássica, uma vez que “o gesto e a voz estão excluídos de seu campo [...] e os afetos não recebem tratamento específico algum” (PLANTIN, 2008, p. 47), ou seja, não trata do aspecto prosódico.

Não gostaríamos de nos ater às demais discussões feitas por Plantin em seu livro, mas acreditamos que os apontamentos trazidos à luz já nos permitem questionar o lugar da argumentação. Ampliando tal questionamento, qual seria, de fato, o lugar da prosódia nos estudos discursivos?

Na tentativa de responder a tais inquietações, é válido retomarmos o trabalho de Amossy (2011), no qual a autora pontua que, se os analistas do discurso pretendem descrever o funcionamento do discurso em situação, não devem se desatentar quanto a sua dimensão argumentativa. A autora observa que, para a argumentação, o interlocutor não é considerado como um objeto a manipular, mas sim como um *alter ego* com quem se compartilha algum ponto de vista. Logo, agir sobre esse interlocutor é tentar modificar as representações que lhe são atribuídas, destacando certos aspectos e ocultando outros. Trata-se, em outras palavras, de compreender a argumentação de maneira ampla, como uma tentativa de modificar, reorientar ou reforçar a visão do alocutário sobre determinadas coisas por meio dos recursos da linguagem (AMOSSY, 2010). Conforme a autora,

toute parole est nécessairement argumentative. C'est un résultat concret de l'énonciation en situation. Tout énoncé vise à agir sur son destinataire, sur autrui et à transformer son système de pensée. Tout énoncé oblige ou incite autrui à croire, à voir, à faire, autrement (PLANTIN, 1996, p. 18 *apud* AMOSSY, 2010, p. 33).

Entendemos, portanto, que a argumentação consiste numa “tentativa de modificar, reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário” (AMOSSY, 2011, p. 130). Dessa maneira, podemos dizer que o discurso condiciona o ouvinte a compreender o mundo de um determinado modo, e é, também, uma tentativa de agir sobre o outro. A palavra é sempre uma resposta ao que o outro diz, uma reação ao que foi dito anteriormente, com vistas a modificá-lo ou a rejeitá-lo. Nesses casos, o

sentido construído no discurso não é atingido somente pelo que é dito, mas também pela maneira como foi dito, sobretudo quando se trata das emoções. Conforme Amossy (2011),

o discurso argumentativo não se desenrola no espaço abstrato da lógica pura, mas numa situação de comunicação em que o *locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos*, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos, quanto a pressuposição e o implícito, as marcas de estereotípiia, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo (AMOSSY, 2011, p. 132-133. Grifos nossos).

O discurso argumentativo, que se desenvolve em uma situação de comunicação, engloba diversos recursos linguísticos, como escolhas lexicais, semânticas e prosódicas. Mais uma vez, a argumentação se materializa nas diversas dimensões da língua, inclusive por meio de recursos prosódicos.

Galinari (2011) também discute o lugar da argumentação nos estudos discursivos, retomando abordagens que a compreendem de maneiras distintas. Ancorado na tradição retórica, o autor propõe que a argumentação não seja compreendida como um modo de organização discursiva, tampouco como um tipo textual. Trata-se, para Galinari (2011), de compreender a argumentação como uma propriedade da linguagem. O *logos* passa, então, a ser entendido como uma estrutura linguístico-discursiva, carregado de múltiplas dimensões, compreendendo todos os componentes linguísticos do discurso. Entre as diversas modalidades de *logoi* possíveis, destaca-se a que o autor chamou de *logos*-prosódico, no qual estariam incluídas questões relacionadas a variações de tempo, de altura melódica e de acento.

Diante das discussões apresentadas, é interessante notarmos que desde a Antiguidade, na Retórica, os aspectos de natureza prosódica já eram tratados como elementos que fazem parte da argumentação retórica. Numa perspectiva atual, autores como Galinari e Amossy também fazem menção a esse componente linguístico na construção de sentido. No entanto, nesses trabalhos não são realizados, por exemplo, estudos acústicos. Assim, nota-se que a prosódia não é contemplada de maneira expressiva.



Após essas discussões, reafirmamos que não há discurso (oral) sem prosódia, assim como a prosódia não se realiza fora do discurso. Desse modo, apresentamos, na seção seguinte, os resultados obtidos em nossas análises retórico-prosódico-argumentativas.

#### **4. Ataque e desqualificação do outro: a ironia nos debates políticos**

Em 2014, sete candidatos disputaram o cargo de governador do estado de Minas Gerais: Fernando Pimentel, Pimenta da Veiga, Tarcísio Delgado, Fidélis Alcântara, Professor Túlio Lopes, Eduardo Ferreira e Cleide Donária. É prática comum que os candidatos com representatividade na Câmara dos Deputados sejam, geralmente, convocados para participem de debates político-eleitorais transmitidos em TV aberta. Assim, os quatro primeiros dos sete listados anteriormente foram convidados a apresentar e discutir suas propostas de campanha em debates realizados por diversas emissoras de televisão, entre elas, pela Band Minas, pela TV Alterosa, pela Rede TV! e pela Globo Minas.

Nos debates, diversas atitudes são expressas nos momentos de ataque e de desqualificação do outro, destacando-se a crítica e a ironia. Enquanto a primeira configura-se como um ataque direto, por vezes ríspido e, por vezes, até mesmo “grosseiro”, a segunda apela para o humor, além de exigir que o ouvinte realize um esforço maior para compreender o que está sendo dito.

Apesar de a crítica ser mais “produtiva” e “econômica” para o auditório, não raro encontramos expressões de ironia, sobretudo por parte de Fidélis Alcântara. Alguns desses momentos foram transcritos, seguindo as convenções postuladas pela Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2003), uma vez que ela oferece subsídios para a marcação de elementos prosódicos, tais como prolongamentos silábicos e mudanças melódicas. Para que possamos discutir a ironia na fala desse candidato, reproduzimos, a seguir, uma das situações em que há expressão dessa atitude.

FA: /.../ ô candidato vamo respeitá:: inclusive a inteligência do eleitor (+) nós tamo numa eleição pra minas gerais (+) discutin:do (+) né?=esse debate era inclusive pra discutir propostas pra minas (+) o candidato vem me falar num porto em CUBA (+) QUE-QUE-EU-TENHO-A-VER-COM-CUBA” QUE-QUE-

*A polêmica  
nos debates:  
prosódia  
da ironia  
no discurso  
político*

---

251

-EU-TENHO-A-VER-COM-A-INGERÊNCIA-DO-GOVERNO-DO-PT”  
tô me la = me = lis = lascando pra ingerência do pt’ /.../ (Rede TV!,  
21 de setembro de 2014)

Leandro  
Moura

252

O fragmento reproduzido acima faz parte do discurso de Fidélis Alcântara proferido no debate realizado pela Rede TV! em 21 de setembro de 2014. Fidélis respondia à pergunta feita por Pimenta da Veiga sobre qual seria sua opinião no que respeita ao fato de o governo petista ter investido em portos em Cuba, instaurando a polêmica no debate. A quebra de expectativa fica clara logo no início do enunciado, quando Fidélis pede que Pimenta da Veiga respeite a inteligência do eleitor, marcando a oposição de ideias. Nesse exemplo encontramos grandes contribuições da prosódia na construção discursiva. O ritmo silabado pode ser citado como característica prosódica dessa desconstrução irônica direcionada ao candidato Pimenta da Veiga. Os enunciados “o que que eu tenho a ver com Cuba?” e “o que que eu tenho a ver com a ingerência do governo do PT?” são proferidos de maneira segmentada e pausada, caracterizando a ironia expressa por Fidélis nesse momento, uma vez que tal segmentação das sílabas não acontece em momentos de neutralidade.

Outras expressões irônicas do candidato do PSOL podem ser encontradas nos debates. A título de exemplo, tomamos o quarto bloco do debate realizado pela TV Alterosa, no qual os candidatos entraram em confronto direto, questionando os adversários quanto às propostas de governo para o estado de Minas Gerais. A seguir, transcrevemos uma das falas do candidato Fidélis Alcântara.

FA: /.../ eu gostaria de perguntar para o: o candidato pimenta da veiga (+) ô pimenta é: (+) infelizmente o senhor não leu os jornais hoje (+) porque disse’ram que o senhor se enganou (+) Só o hospital de uberlândia é que tá pronto (+) o de ibirité realmente já foi reinaugurado CIN’CO vezes e ainda não está funcionando (+) o jornal lá também colocou que eu errei (+) não são seiscentas e cinquenta escolas (+) são seiscentas e DEZ que não têm’ rede de esgoto (+) o senhor falou que eram DEZ (+) são seiscentas e dez /.../ (TV Alterosa, 23 de setembro de 2014)

O conflito polêmico instaurado aqui diz respeito à inauguração de alguns hospitais da rede pública que eram trunfos da candidatura de Pimenta da Veiga. No fragmento reproduzido acima, vemos que o ataque feito por Fidélis a Pimenta visa mostrar ao eleitor uma imagem menos positiva deste candidato, diferente daquela que vinha sendo apresentada nos debates – a saber, a de um candidato sério, honesto, comprometido com o estado de Minas Gerais e com a população mineira. A atitude de desconstrução irônica expressa por Fidélis fica evidente no momento em que ele diz que “o [hospital] de Ibité realmente já foi reinaugurado cinco vezes e ainda não está funcionando”. Aqui, Fidélis rebate a afirmação de Pimenta da Veiga de que o hospital de Ibité havia sido inaugurado e já estava em funcionamento, dizendo este que já fora inaugurado cinco vezes. Temos novamente um confronto de opiniões, marcando a polêmica no debate. Outros momentos do discurso dão força à desqualificação do candidato tucano: “infelizmente o senhor não leu os jornais hoje porque disseram que o senhor se enganou”.

É possível notar que há mudanças importantes nas construções discursivas do candidato, sobretudo quando há a quebra de expectativa, característica importante da ironia. Essas mudanças podem ser vistas nas transcrições, em que estão sinalizadas as alterações prosódicas que dão força aos marcadores retóricos na construção discursiva, quando Fidélis Alcântara ataca seus adversários.

As alterações feitas nos parâmetros prosódicos podem ser mensuradas, como pode ser visto no gráfico 1, em que estão sintetizados os resultados para a frequência fundamental. Para fins de comparação, foram tomados enunciados atitudinalmente neutros, ou seja, enunciados sem expressão atitudinal, nos quais o locutor pretendia transmitir alguma informação.

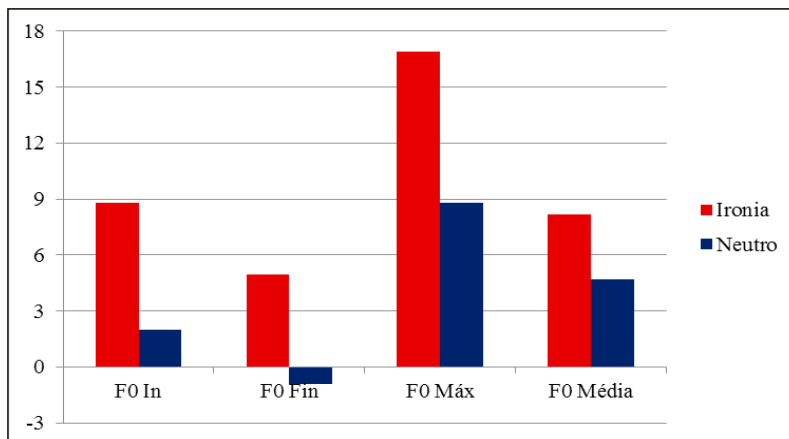


Gráfico 1: Pontos globais de  $F_0$  relevantes para a caracterização da ironia

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 1 mostra que, durante a expressão da ironia, foram realizados ajustes nos pontos globais de  $F_0$ . Em todos os pontos, os valores de  $F_0$  foram mais altos quando havia expressão da ironia, dando forma a essas construções irônicas nos momentos de ataque. Junto aos elementos lexicais, as mudanças prosódicas auxiliam o ouvinte nos processos de construção de sentido da ironia.

Após os resultados dos pontos gerais, o Gráfico 2 mostra o comportamento dos movimentos finais descendentes na expressão atitudinal, comparados às expressões de neutralidade. Esses movimentos melódicos acontecem em um nível de frequência bem mais alto, quando se trata da ironia.

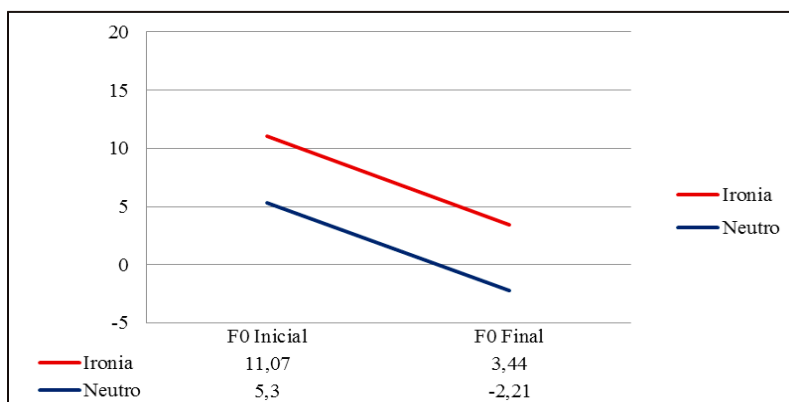


Gráfico 2: Movimentos melódicos finais descendentes da ironia (linha vermelha) e do neutro (linha azul)

Fonte: Elaborado pelo autor.

A leitura do gráfico mostra que a queda melódica teve início em 11,07 st/100Hz, enquanto que, nos enunciados neutros, esse valor foi de 5,30 st/100Hz. No final da descida, os valores atingidos nas expressões irônicas foram de 3,44 st/100Hz, bem mais altos em relação às médias das frases neutras, nas quais os valores de  $F_0$  não passaram de -2,21 st/100Hz.

No que respeita à duração, temos uma fala mais lenta quando há expressão da ironia, caracterizada por uma menor taxa de articulação e de elocução, além de sílabas pretônicas e tônicas finais mais longas (Tabela 1).

**Tabela 1: Média das taxas de articulação (TA), de elocução (TE), de duração das sílabas pretônicas e tônicas finais e desvio padrão, entre parênteses, dos enunciados irônicos e neutros**

	TA (sí/s)	TE (sí/s)	Pretônica (ms)	Tônica (ms)
Média (DP) - Ironia	5,83 (0,53)	5,54 (0,84)	176 (0,05)	381 (0,22)
Média (DP) - Neutro	6,89 (0,95)	6,89 (0,95)	154 (0,04)	177 (0,02)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na ironia, encontramos pausas na fala do locutor, com duração média de 209ms. Além disso, existem prolongamentos de sílabas tônicas para efeitos de sentido, cuja duração média foi de 483ms, quando as demais tônicas duraram, em média, 192ms.

Retomando os fragmentos transcritos anteriormente, vemos que há um momento de refutação, por parte de Fidélis Alcântara, em relação à inauguração de um hospital. Discursivamente marcado por suas escolhas lexicais, nesse trecho é possível ver a associação de dois parâmetros prosódicos, dando força à construção irônica (Figura 1).

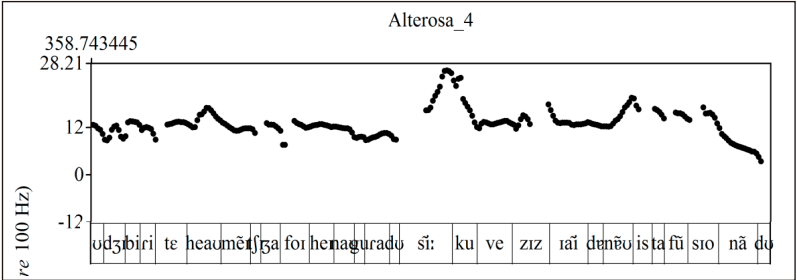


Figura 1: Movimentos de ênfase e transcrição fonética do enunciado “o de Ibirité realmente já foi reinaugurado cinco vezes e ainda não está funcionando”

Fonte: Elaborado pelo autor.

No momento da enunciação, o adversário defende que o hospital localizado na cidade de Ibirité não está funcionando e, então, temos a expressão da ironia, quando Alcântara diz que ele foi reinaugurado cinco vezes. Encontramos aí a realização de um movimento circunflexo bastante expressivo, marcando e caracterizando uma ênfase, com início ascendente, na primeira sílaba da palavra “cinco”, e final descendente, iniciado ainda na sílaba tônica e estendido até a postônica. Outro fato interessante a ser observado é que há, ao final do movimento ascendente, um pico de  $F_0$ , que coincide com o maior valor de frequência medido nesse enunciado (26,42 st/100Hz).

Além desses movimentos, encontramos um prolongamento silábico ainda na sílaba tônica da palavra “cinco”, com duração de 344ms. A média das demais tônicas nesse enunciado foi de 194ms. Isso sugere que o prolongamento, nesse caso, corrobora a construção de sentido, sinalizando a intenção do locutor de ironizar e desconstruir a ideia defendida por seu adversário a respeito da inauguração do hospital de Ibirité.

Recuperando o contexto em que essa frase foi dita, podemos ver que a quebra de expectativa acontece justamente no momento em que o item “cinco” é enunciado, marcado por mudanças melódicas e rítmicas. Nota-se que esses elementos fazem parte da argumentação retórica nesse momento polêmico, contribuindo para a percepção e construção irônica.

Atendo-se aos vídeos dos debates eleitorais, é possível observar ainda que o locutor sorri nos momentos em que expressa ironia. Tal gesto foi observado em outros momentos irônicos no debate, mas não em enunciados atitudinalmente neutros. Desse modo, entendemos que o riso também pode funcionar como um marcador da ironia na fala.



Figura 2: Imagem de Fidélis Alcântara, durante o enunciado “esse pessoal que deixe pra trabalhar pra última hora viu”.

Fonte: Imagem capturada do vídeo do debate transmitido pela Rede TV!

Na Figura 2, a ironia expressa por Fidélis Alcântara direciona-se a um de seus adversários, que dizia que “sua equipe deixa pra trabalhar na última hora e que isso não prejudica a campanha, uma vez que em eleições anteriores isso também aconteceu e os políticos de seu partido foram eleitos”. Fidélis ataca ironicamente dizendo “esse pessoal que deixa pra trabalhar pra última hora, viu?”. Nesse momento, além das mudanças melódicas já citadas, o locutor adota o riso como uma estratégia de construção irônica.

Diante dos resultados encontrados ao longo da análise, é válido reafirmar que a prosódia se fortalece cada vez mais como um constituinte da argumentação, junto aos demais componentes linguísticos. Nota-se que, quando o locutor pretende atacar e desqualificar seu adversário em um debate, ele não o faz somente por meio de suas escolhas lexicais. Nesses casos, o sentido construído no discurso não é atingido somente pelo que é dito, mas também pela maneira como foi dito. Em outras palavras, a partir de modificações de alguns aspectos prosódicos, o falante corrobora a construção de sentido, complementando, via prosódia, o que é dito nos níveis lexical, sintático e semântico.

Antes de passarmos às considerações finais, é importante ressaltar que optamos, neste artigo, por não apresentar resultados referentes à intensidade. Uma análise confiável desse parâmetro demanda alguns cuidados durante a obtenção dos *corpora*. Um exemplo é a posição do microfone em relação à boca do falante, pois um afastamento repentino, causado por algum movimento de cabeça, pode ocasionar mudanças significativas nos valores mensurados. Como os dados não foram gravados pelo pesquisador, não foi possível controlar essas questões e garantir uma boa qualidade do material acústico.

## 5. Conclusão

Os momentos polêmicos nos debates eleitorais caracterizam-se por confrontos marcados, muitas vezes, pela expressão de atitudes a fim de promover o ataque e a desqualificação adversária. Entre essas atitudes, destaca-se a ironia, quando há, em alguma medida, a quebra de expectativa. Assim, este trabalho teve como objetivo geral discutir as contribuições da prosódia na expressão dessa atitude no discurso político. Para isso, foram analisados alguns momentos em que o candidato Fidélis Alcântara entrava em conflito direto com seus adversários em debates político-eleitorais televisionados.

Aristóteles já sinalizava, na *Retórica*, que alguns elementos como a pronúncia, o ritmo e o volume auxiliavam na argumentação. Por meio das análises, foi possível ver como alguns parâmetros prosódicos se ajustam para dar forma às construções discursivas dos candidatos nos momentos de ataque ao outro.

As análises mostraram como a ironia é construída discursivamente, destacando-se as contribuições da prosódia, defendida aqui como um elemento linguístico que faz parte da argumentação, para essas construções. Sumarizando os resultados, é possível dizer que, no discurso político, especificamente na fala de Fidélis Alcântara, a ironia tende a apresentar valores elevados de  $F_0$  e uma velocidade de fala mais lenta, em comparação aos enunciados atitudinalmente neutros.

Após essas considerações, reiteramos que os resultados obtidos ao longo deste trabalho nos permitem evidenciar o papel argumentador da prosódia no discurso político. Assim, pontuamos que a prosódia é um elemento linguístico-discursivo que faz parte da argumentação e que, ao se unir aos demais elementos linguísticos, corrobora a construção de sentido. Desse modo, esses resultados trazem contribuições importantes para os estudos prosódicos, para os estudos discursivos, para os estudos acerca da argumentação e do discurso político, uma vez que evidenciam a interface proposta entre prosódia e demais elementos linguísticos, ambos como constituintes da argumentação retórica.

## Referências

AMOSSY, R. Qu'est-ce que la polemique? Questions de définition. In: AMOSSY, R. **Apologie de la polemique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

\_\_\_\_\_. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideartigo12.pdf>>. Acesso em: 22 de dezembro de 2017.

\_\_\_\_\_. **L'argumentation dans le discours**. 3<sup>e</sup> édition. Paris: Armand Colin, 2010.



ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUPER-KUHLEN, E. **An introduction to English Prosody**. Tübingen: Niemeyer, 1986.

CRYSTAL, D. **Prosodic Systems and Intonation in English**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

GALINARI, M. M. A polissemia do logos e a argumentação: contribuições sofisticadas para a análise do discurso. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, nov. 2011. p. 93-103. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideaartigo9.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

HART, J., COLLIER, R. & COHEN, A. **A Perceptual Study of Intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HIRST, D.; DI CRISTO, A. **Intonation Systems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MACHADO, M. B da C. Debates nas campanhas presidenciais: Brasil 1989-2010. In: VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guaruapuava (PR), 28 a 30 de abril de 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Langage et metalangage de l'argumentation. In: PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Seuil, 1996.

Recebido em fevereiro de 2018

Aceito em abril de 2018

*A polêmica  
nos debates:  
prosódia  
da ironia  
no discurso  
político*

---

259

